



A sociedade civil e a importante visita de António Costa a Angola

A visita de António Costa a Angola, beneficiando da participação do Presidente da República, João Lourenço, foi muito importante, desde logo, do ponto de vista económico. O 50.º aniversário da revolução de 25 de Abril ao recriar condições para o reforço de aproximação política legitimou ainda o convite a João Lourenço para visitar Portugal.

Por ter nascido em Angola, reclamando-me de dupla pertença, angolana e portuguesa, acompanho as relações entre os dois países, privilegiando as que respeitam os dois povos.

Foi assim, enquanto co-organizador do primeiro Congresso de Quadros Angolanos no exterior que enquadrado na sociedade civil os Acordos de Bicesse, entre o Governo de Angola e a UNITA.

Tinha então já relações fortes com “mais velhos” e agora também, com os das novas gerações angolanas como Manuel Homem, governador da província de Luanda, que recebi em Lisboa como Presidente da Assembleia Geral da UCCLA, tal como com Adalberto da Costa Júnior, líder da UNITA, que participou na UCCLA num encontro internacional.

A UCCLA, nascida em 1985, foi a primeira associação criada para o aprofundamento das relações entre cidadãos de língua portuguesa, sendo a segunda a AULP - Associação das Universidades de Língua Portuguesa,

Mais tarde surgiu a CPLP, com exigências constitutivas mais fortes por integrar Estados. Foi, aliás, a UCCLA que diligenciou contribuir para a superação do incidente criado pelo caso Manuel Vicente, convidando a actual Presidente da Assembleia Nacional de Angola, Carolina Cerqueira, então ministra, a inaugurar a exposição de artistas plásticos angolanos a que se associou o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa.

O contributo da sociedade civil e das instituições que a representam exemplificada neste caso deve ser considerada nas relações entre os povos.

A UCCLA promovera, antes, uma homenagem aos associados da CEI - Casa dos Estudantes do Império, criada em 1943 pelo anterior regime, mas encerrada pela PIDE em 1965, em resultado da acção anticolonial encetada por eles a partir da instituição que foi importante para a formação política dos que viriam a ser futuros dirigentes africanos dos países de língua portuguesa, representando a homenagem um marco pedagógico na revisitação de uma memória comum.

Os livros que os jovens estudantes levaram a efeito foram reeditadas pela UCCLA, são factos com relevo histórico, podendo ser consultados integralmente em: www.uccla.pt/noticias/edicoes-da-casa-dos-estudantes-do-imperio e as iniciativas em: www.uccla.pt/casa-dos-estudantes-do-imperio.

O visionamento, através das hiperligações, reforça agora a necessidade a conceder à relação de pertença dos cidadãos de língua portuguesa à CPLP, agora mais distante do que foi.

Aliás, a recomposição geoestratégica à escala planetária em curso justifica o reforço dessa relação de pertença, função do peso que os povos e países de língua portuguesa têm no mundo.

O recente Visto CPLP é um passo neste sentido.

Ele legitima a defesa no estugar do passo na mobilidade dos cidadãos, tendo por base o quadro geral aprovado na Cimeira da CPLP, que ocorreu em Luanda, em 2022, em que Angola teve papel relevante e, nela, o Presidente João Lourenço.

Reiterando a importância dos avanços decorrentes da visita de António Costa a Angola e tendo em vista o futuro das relações entre os povos, o papel da sociedade civil e das suas instituições tem de ser sublinhado.

Há que ter presente as potencialidades conjugadas dos interesses e dos afectos, bem como as diferentes formas de expressão cultural forjadas em encontros seculares com origem comum ao fado, à morna e ao samba, ainda a uma gastronomia cruzada e apimentada com sabor universalista, e a uma literatura singular, onde todos se revêm.

As comemorações que ocorrerão no próximo ano, na passagem dos 50 anos do 25 de Abril em Portugal, serão uma altura única para se dinamizarem iniciativas neste domínio. Na parte económica, parece ter de se atender ao que representam as PME's, com muito menores recursos que as empresas de grande dimensão, mas com um papel importante na diversificação da economia de Angola, em que um acompanhamento de proximidade não deve prescindir da regularização atempada dos pagamentos e serviços que elas prestam a instituições públicas

As empresas de grande dimensão, em muitos casos resultantes de concentrações e fusões, em processos de privatização, aceleradas pela globalização, mesmo as estratégicas, são entidades em que as instituições públicas não raras vezes perderam sobre elas o domínio.

Os portugueses e os angolanos têm tudo a ganhar, aprofundando as relações, mas devendo não descuidar as sociedades civis e as instituições representativas.

Em resultado da importante visita de António Costa a Angola, é muito útil sublinharmos esse contributo. ■

*(Secretário-geral da UCCLA)